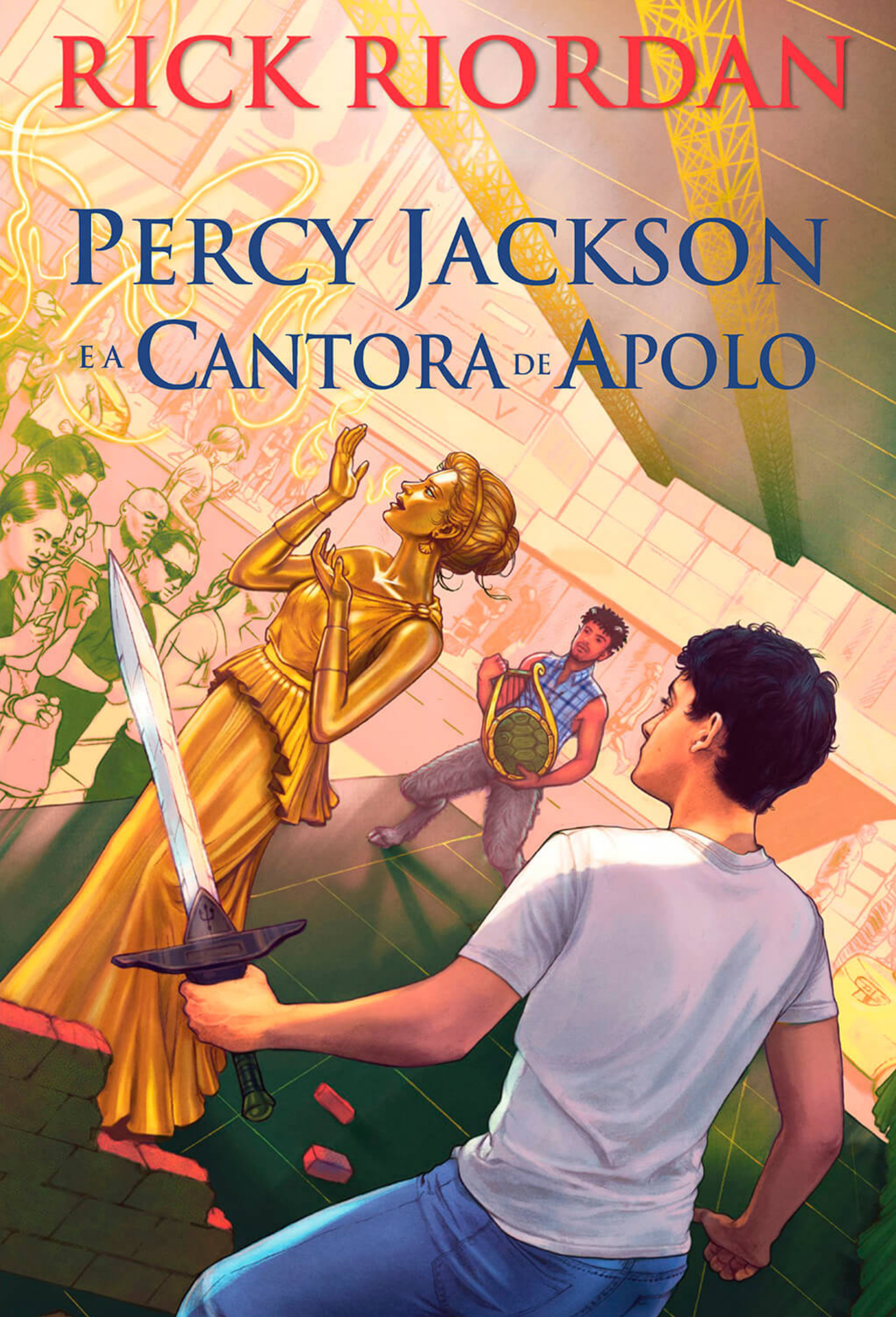
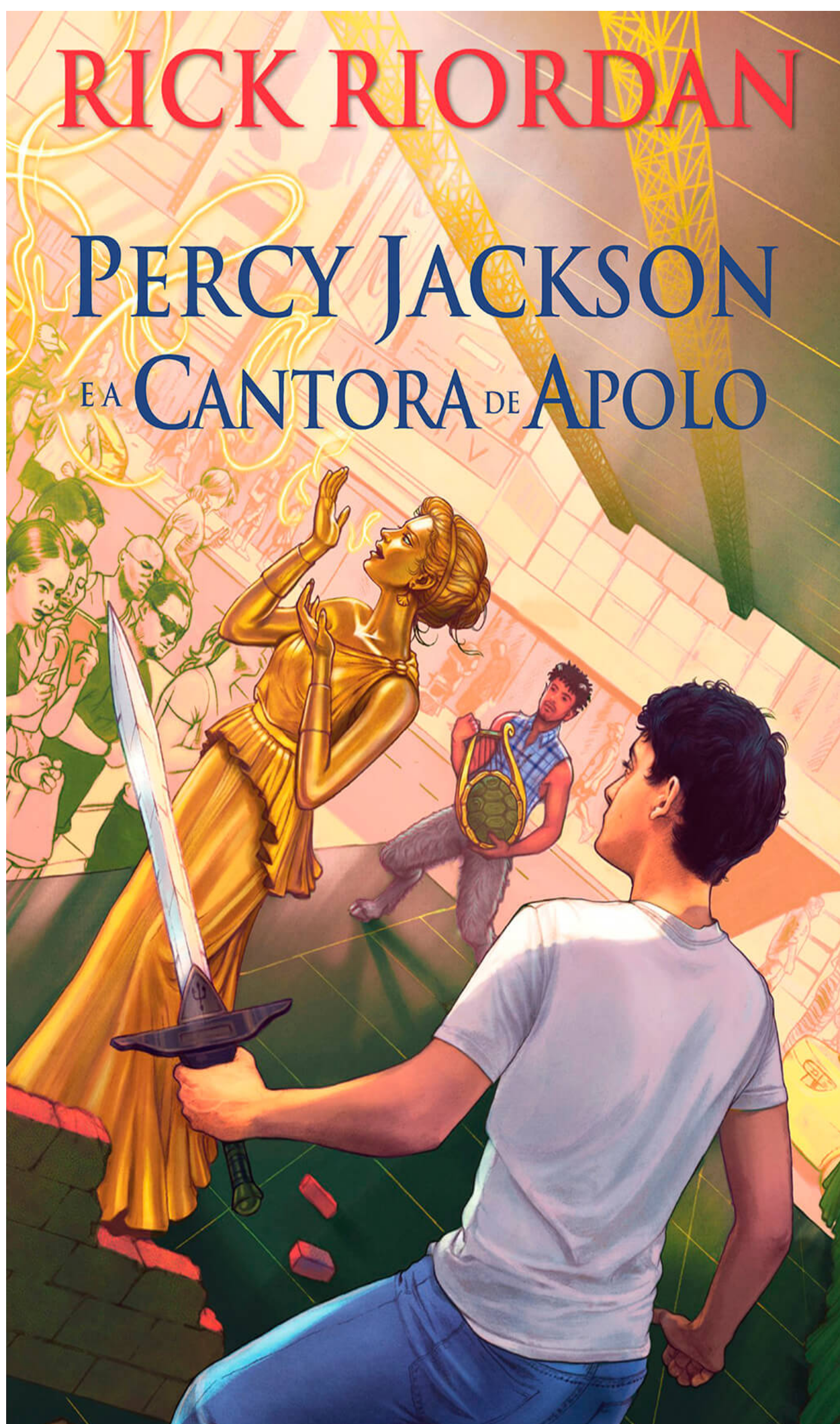

RICK RIORDAN
PERCY JACKSON
E A CANTORA DE APOLO

VISIT...

LANZAROTE Caliente.com


RICK RIORDAN
PERCY JACKSON
E A CANTORA DE APOLO

Sinopse: Percy Jackson e a Cantora de Apolo

O problema começa quando Apolo apresenta Percy e seu amigo Grover, o sátiro, as Chryseae Celedones. Três mulheres douradas — estátuas vivas — aparecem na frente delas e cantam um acorde maravilhoso. Apolo tem um concerto hoje à noite no Monte Olimpo, e ele precisa das Celedones como suas cantoras de apoio. Mas deve haver um quarteto, não um trio — uma das cantoras fugiu. Cabe a Percy e Grover encontrar a Celedon desaparecida em algum lugar de Nova York antes que ela cause qualquer problema. Capturar um autômato em busca de atenção em uma multidão de mortais exigirá pensamentos cautelosos. Percy e Grover terão sucesso, ou acertarão uma nota ácida?

Em caso de erros enviar e-mail para:
victor.martins.oficial05@gmail.com
Com
Livro:
Capítulo:
Erro:

A Cantora de Apolo

RICK RIORDAN

Percy Jackson
e a
Cantora de Apolo

Copyright © 2013 Rick Riordan

título original
Percy Jackson and the Singer of Apollo

adaptação de capa
Biblioteca de Dédalo

edição
Biblioteca de Dédalo

1. Mitologia grega - Literatura infanto-juvenil. 2. Poseidon (Divindade grega) – Literatura infanto-juvenil. 3. Hades (Divindade grega) - Literatura infanto-juvenil. 4 Zeus (Divindade grega) - Literatura infanto-juvenil. 5. Literatura infanto-juvenil americana.

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à
Biblioteca de Dédalo
www.bibliotecadededalo.weebly.com

Eu sei o que você vai perguntar.

"Percy Jackson, por que você está pendurado em um outdoor na Times Square sem calça, prestes a cair para a morte?"

Boa pergunta. Você pode culpar Apolo: o deus da música, do arco e flecha e da poesia, também é o deus que me obriga a cumprir missões estúpidas.

Esse desastre em particular começou quando eu trouxe para o meu amigo Grover algumas latinhas de alumínio para seu aniversário.

Talvez eu devesse mencionar... Eu sou um semideus. Meu pai, Poseidon, é o Senhor do Mar, o que soa legal, eu acho, mas isso significa que minha vida é cheia de ataques de monstros e deuses gregos irritantes que tendem a aparecer no metrô, no meio da aula de matemática ou quando eu

estou tomando banho (é uma longa história. Nem me pergunte).

Pensei que talvez pudesse ter um dia sem loucuras assim por causa do aniversário de Grover, mas é claro que eu estava errado.

Grover e sua namorada, Junípera, passaram o dia no Parque Prospect, no Brooklyn, fazendo coisas relacionadas a natureza, como dançar com as ninfas das árvores e fazer serenatas para os esquilos. Grover é um sátiro. Isso é o que ele chama de diversão.

Junípera parecia estar se divertindo muito. Enquanto eu e Grover estávamos sentados juntos num banco, ela saltitava pelo parque com outros espíritos da natureza, seus olhos cheios de clorofila reluziam com a luz do sol. Como ela era uma dríade, a vida de Junípera era basicamente ficar num junípero em Long Island, mas Grover explicou que ela podia fazer viagens curtas se carregasse frutas de sua árvore nos bolsos. Eu não quis perguntar o que aconteceria se elas fossem esmagadas acidentalmente.

De qualquer forma, nós paramos por um tempo, conversando e aproveitando o bom tempo. Eu dei a Grover suas latinhas, o que pode parecer um presente horrível, mas é o seu lanchinho preferido.

Ele mastigou alegremente suas latas enquanto as ninfas começaram a discutir sobre qual jogo nós deveríamos jogar. Grover tirou uma venda do bolso e sugeriu Coloque o rabo no humano, o que me fez ficar um pouco nervoso, já que

eu era o único humano lá.

Então, de repente, a luz solar se tornou incandescente. O ar se tornou desconfortavelmente quente. A grama a vinte metros de distância secou e uma nuvem de vapor surgiu, como se alguém tivesse aberto uma grande máquina de alta pressão numa lavanderia. O vapor dissipou, e bem na nossa frente surgiu o deus Apolo.

Deuses podem ter a aparência que quiserem, mas Apolo sempre usava um estilo "acabei de entrar numa banda". Hoje ele estava usando um jeans apertado, uma camisa que o deixava musculoso e óculos de sol. Seu cabelo loiro ondulado reluzia. Quando ele sorriu, as dríades gritaram e riram.

— Ah, não... — sussurrou Grover. — Isso não pode ser bom.

— Percy Jackson! — disse Apolo, sorrindo pra mim. — E, hã, seu amigo bode...

— O nome dele é Grover — falei. — E nós estamos meio que estamos afastados de missões hoje, lorde Apolo. É o aniversário de Grover.

— Feliz aniversário! — exclamou Apolo. — Fico feliz que você tenha tirado o dia de folga. Isso significa que você tem tempo pra me ajudar com um probleminha!

Naturalmente, não era um probleminha.

Apolo levou Grover e eu para longe da festa, para que pudéssemos conversar privadamente. Juníper não queria

que Grover fosse, mas ela não podia discutir com um deus. Grover prometeu voltar são e salvo. Eu esperava que fosse uma promessa que ele fosse capaz de cumprir.

Quando chegamos ao final do bosque, Apolo nos encarou.

— Deixem-me apresentá-los às *chryseae celedones*.

O deus estalou os dedos. Mais vapor surgiu do chão e três mulheres douradas apareceram em nossa frente. Quando eu digo douradas, quero dizer que elas eram realmente douradas. Suas peles metálicas brilhavam. Os vestidos sem mangas eram feitos com ouro suficiente para financiar um empréstimo. Seus cabelos dourados tinham tranças e no topo das cabeças havia algo como coques em forma de colmeias. Elas eram uniformemente lindas e assustadoras.

Eu já vi várias estátuas vivas, autômatos. Bonitas ou não, elas quase sempre tentavam me matar.

— Hã... — dei um passo para atrás. — Quem você disse que elas eram? Krissy Kelly alguma coisa?

— *Chryseae celedones* — corrigiu Apolo. — Cantoras douradas. Elas são minha banda de apoio!

Olhei para Grover, me perguntando que tipo de piada era aquela.

Grover não estava rindo. Sua boca estava aberta de surpresa, como se as garotas douradas fossem o maior e mais gostoso pedaço de alumínio que ele já vira na vida.

— E-eu não acredito que elas sejam reais!

Apolo sorriu.

— Bem, tem alguns séculos desde que eu as trouxe. Se elas se apresentarem muito acaba com a surpresa. Elas costumavam viver no meu templo em Delfos. Cara, elas podiam detonar aquele lugar. Agora eu só as uso para ocasiões especiais.

Os olhos de Grover ficaram lagrimejados.

— Você as trouxe para o meu aniversário?

Apolo riu.

— Não, tolo! Eu tenho um concerto hoje à noite no Olimpo. Todos estarão lá! As Nove Musas farão a abertura, e eu farei uma performance misturando as antigas favoritas e um material novo. Quero dizer, não é como se eu precisasse das *celedones*. Minha carreira solo é boa. Mas as pessoas esperam ouvir alguns dos meus hits clássicos com as garotas: "Daphne on My Mind", "‘Stairway to Olympus", "Sweet Home Atlantis". Vai ser incrível!

Eu tentei não parecer enjoado. Já ouvi algumas poesias de Apolo antes, e se as músicas fossem tão ruins quanto aquilo, o concerto seria desastroso.

— Ótimo — falei. — Então qual é o problema?

Apolo deu um sorriso torto.

— Escutem.

Ele se virou para suas cantoras douradas e levantou as mãos como um maestro. Em seguida, elas cantaram com harmonia:

— *Laaaa!*

Era apenas um acorde, mas me deixou em estado de total alegria. Eu não conseguia me lembrar de onde estava ou o que estava fazendo. Se as cantoras douradas tivessem decidido me cortar em pedacinhos naquele momento, eu não teria resistido, desde que elas continuassem cantando. Nada importava pra mim, exceto o som.

As garotas douradas ficaram caladas. O sentimento passou. Seus rostos voltaram pra beleza natural, metal imóvel.

— Isso... — eu engoli em seco. — Isso foi incrível.

— Incrível? — Apolo coçou seu nariz. — Só tem três delas! Sua harmonia soa vazia. Eu não posso fazer uma performance sem o quarteto completo.

Grover estava chorando de emoção.

— Elas são tão lindas! Elas são perfeitas!

Eu estava meio feliz por Juníper não estar escutando, porque ela era do tipo ciumenta.

Apolo cruzou seus braços bronzeados.

— Elas não são perfeitas, senhor Sátiro. Eu preciso de todas as quatro ou o concerto será um fracasso. Infelizmente, minha quarta *celedon* se virou contra mim esta manhã. Eu não consigo encontrá-la em nenhum lugar.

Eu olhei para as três estátuas douradas, que encaravam Apolo silenciosamente, esperando por ordens.

— Hã... o que fez sua corista se virar contra você?

Apolo fez outro gesto de maestro e as cantoras iniciaram uma melodia de três partes. O som era tão

depressivo que senti meu coração despedaçar. Então, tão rápido como aquilo começou, o sentimento dissipou.

— Elas não estão na garantia — explicou o deus. — Hefesto as fez para mim, e elas funcionavam bem... até o dia seguinte de sua garantia de dois mil anos expirar. Então, naturalmente, *BOOM!* A quarta saiu correndo histericamente para a grande cidade — ele gesticulou na direção de Manhattan. — Claro que tentei reclamar com Hefesto, mas ele respondeu: "Bem, você tem o meu pacote de proteção extra?" E eu: "Eu não quero sua estúpida garantia estendida!" E ele age como se fosse minha culpa a *celedon* falhar, que eu deveria ter comprado o pacote extra. Eu poderia ter procurado o setor de reclamações, mas...

— Opa, opa, opa — interrompi-o. Eu realmente não queria entrar numa discussão entre deuses. Já estive em algumas delas. — Então você sabe que sua *celedon* está na cidade. Por que você mesmo não procura por ela?

— Eu não tenho tempo! Tenho que praticar. Escrever uma lista de músicas e checá-la! No entanto, é para isso que os heróis servem.

— Consertar os erros dos deuses — resmunguei.

— Exatamente. — Apolo apertou suas mãos. — Presumo que a *celedon* desaparecida esteja no Theater District, procurando por um lugar bom para uma performance. *Celedones* têm um sonho: serem descobertas, liderar um musical na Broadway, esse tipo de coisa. Na maior parte do tempo, eu consigo manter as ambições

delas sob controle. Quer dizer, eu não posso deixá-las me superar, posso? Mas tenho certeza de que sem mim, ela pensaria que é a próxima Katy Perry. Vocês precisam encontrá-la antes que ela cause algum problema. E se apressem! O concerto é hoje à noite e Manhattan é uma ilha grande.

Grover coçou a nuca.

— Então... quer que nós a encontremos enquanto você checa o som?

— Pense nisso como um favor — disse Apolo. — Não só para mim, mas para todos os mortais em Manhattan.

— Ah — a voz de Grover foi ficando mais baixa. — Ah, não...

— O quê? — perguntei. — O que quer dizer com "ah, não"?

Alguns anos atrás, Grover criou uma ligação empática entre nós (longa história) e nós podemos sentir as emoções um do outro. Não era exatamente ler a mente, mas eu podia dizer que ele estava aterrorizado.

— Percy. — disse ele, — Se a *celedon* começar a cantar em público, bem no horário de pico...

— Ela vai causar estragos — completou Apolo. — Cantará uma música romântica, uma cantiga de ninar ou uma música patriota, ou seja lá o que os mortais ouçam...

Eu engoli em seco. Um vislumbre das garotas douradas tinha me tirado do ar, mesmo com Apolo controlando-as. Eu imaginei uma *celedon* fugitiva cantando numa cidade

lotada, colocando as pessoas para dormir, fazendo-as se apaixonar ou incentivando-as a brigar.

— Ela tem de ser impedida — concordei. — Mas por que nós?

— Eu gosto de você! — disse Apolo, sorrindo. — Você já encarou as sereias. Não é tão diferente. Apenas coloque um pouco de cera nos ouvidos. Seu amigo Grover aqui, é um sátiro, ele é naturalmente resistente a músicas mágicas. E ele ainda pode tocar a lira.

— Qual lira? — perguntei.

Apolo estalou os dedos. Repentinamente, Grover estava segurando o instrumento musical mais estranho que eu já vi na vida. A base era feita de casco de tartaruga. Dois braços de madeira polida subiam das laterais como chifres de touro, com uma barra no topo, e sete cordas iam do topo até a base de casco. Era uma combinação de harpa, banjo e cadáver de tartaruga.

— Ah! — Grover quase deixou a lira cair. — Eu não posso! É a sua...

— Sim — concordou Apolo, feliz. — Esta é minha própria lira. Claro que se ela voltar com um arranhão, irei te incinerar, mas tenho certeza de que vai ser cuidadoso! Você sabe tocar lira, certo?

— Hmm...

Grover tocou algumas notas que soaram como um hino fúnebre.

— Continue praticando — disse Apolo. — Vocês

precisarão da lira para capturar a *celedon*. Percy vai distraí-la enquanto você toca.

— Distraí-la — repeti.

Essa missão ia ficando pior e pior. Eu não conseguia ver como uma harpa de casco de tartaruga poderia derrotar um autômato de ouro, mas Apolo deu uns tapinhas no meu ombro, como se estivesse tudo certo.

— Excelente! Encontrarei vocês no Edifício Empire State ao pôr-do-sol. Traga-me a *celedon*. De um jeito ou de outro, vou persuadir Hefesto a consertá-la. Só não se atrasem! Eu não posso deixar meus expectadores esperando. E lembrem-se, não arranhem a lira.

Então o deus do sol e suas coristas desapareceram numa nuvem de vapor.

— Feliz aniversário para mim — sussurrou Grover, trocando uma nota na lira.

Nós pegamos o metrô para a Times Square. Imaginamos que seria um bom lugar para começar a procurar. Ficava bem no meio do Theater District e era cheio de cantores de rua estranhos e cerca de um bilhão de turistas, então era um lugar natural para uma diva dourada que quer atenção.

Grover não se importou em se disfarçar. Em sua camiseta branca estava estampado: *O que Pã faria?* As pontas de seus chifres apareciam em seu cabelo cacheado. Normalmente ele usava jeans para esconder suas pernas peludas e sapatos para esconder os cascos, mas hoje da

cintura para baixo natural como um bode.

Eu duvidava que fossem se importar. A maioria dos mortais não pode ver através da Névoa, que esconde a real aparência de monstros. Mesmo sem o disfarce normal de Grover, as pessoas teriam que olhar bem de perto para perceber que ele era um sátiro, e mesmo assim, eles provavelmente nem olhariam. Afinal, estávamos em Nova York.

Enquanto andávamos na multidão, continuei procurando algo dourado, esperando encontrar a *celedon* fugitiva, mas a praça estava normal. Um menino vestindo apenas as roupas debaixo e segurando um violão estava tirando foto com alguns turistas. Policiais estavam parados nas esquinas, parecendo entediados. A intersecção da Broadway com a Rua 49 Oeste estava bloqueada e várias pessoas montavam algo parecido com um palco. Cambistas de ingressos e vendedores ambulantes gritavam, um mais alto do que o outro, tentando receber atenção. Música saía de dúzias de alto-falantes, mas não ouvi nenhuma cantoria mágica.

Grover me deu uma bola de cera para tampar os ouvidos quando fosse necessário. Ele me disse que sempre tinha um pouco em mãos, como chiclete, o que não me ajudou a querer usar isso.

Ele esbarrou num carrinho de pretzels e escorregou para trás, abraçando a lira de Apolo protetoramente.

— Você sabe como usar essa coisa? — perguntei. —

Quer dizer, que tipo de mágica isso faz?

Grover semicerrou os olhos.

— Você não sabe? Apolo construiu os muros de Tróia só com essa lira. Com a canção certa, pode-se construir quase qualquer coisa.

— Como uma cela para a *celedon?*

— Hã... é.

Ele não soava muito confiante e eu não tinha certeza se queria jogar Guitar Hero com um banjo-tartaruga divino. Claro, Grover podia fazer algumas mágicas com suas flautas de bambu. Num bom dia, ele poderia fazer plantas crescerem e enrolarem seus inimigos. Num dia ruim, ele só conseguia se lembrar músicas do Justin Bieber, que não faziam nada além de me dar uma bela dor de cabeça.

Tentei pensar num plano. Eu desejei que minha namorada, Annabeth, estivesse aqui. Ela era do tipo estrategista. Infelizmente, ela estava em São Francisco, visitando seu pai.

Grover agarrou meu braço.

— Lá.

Eu segui seu olhar. Do outro lado da praça, acima do palco, trabalhadores instalavam as luzes nas armações, preparavam os suportes para microfones e os conectavam a alto-falantes gigantes.

Então eu a vi, uma garota dourada caminhando na plataforma. Ela escalou as barricadas da polícia que contornavam a intersecção, espremeu-se entre trabalhadores

que a ignoraram completamente, e pela direção dos passos, estava indo para o palco. Ela olhou para a multidão da Times Square e sorriu, como se imaginasse que eles estivessem aplaudindo-a. Então foi para o microfone do centro.

— Ah, deuses! — berrou Grover. — Se o sistema de som estiver ligado...

Coloquei a cera no meu ouvido enquanto corríamos para o palco.

Lutar contra um autômato já é suficientemente ruim. Lutar contra um autômato numa multidão de mortais é uma receita para desastre. Eu não queria me preocupar com a minha segurança e a dos mortais e pensar sobre como capturar a *celedon*. Eu tinha que evacuar a Times Square sem causar pânico.

Enquanto nós nos empurrávamos contra a multidão, agarrei o ombro do policial mais próximo.

— Ei! — chamei. — Comitiva presidencial vindo! É melhor vocês evacuarem as ruas!

Eu apontei para a Sétima Avenida. É claro que não havia nenhuma comitiva, mas fiz o meu máximo para imaginar uma.

Alguns semideuses conseguem controlar a Névoa. Eles podem fazer as pessoas verem o que eles quiserem. Eu não era muito bom nisso, mas era uma tentativa que valia a pena. Com a ONU na cidade visitas presidenciais eram

bastante comuns, então imaginei que o policial fosse acreditar.

Aparentemente, ele acreditou. Ele olhou para a minha comitiva imaginária, fez uma cara desgostosa e disse algo em seu rádio. Com a cera no meu ouvido, não consegui ouvir o que ele disse, mas todos os outros guardas na praça começaram a desviar a multidão nas ruas.

Infelizmente, a *celedon* alcançou o palco central.

Nós estávamos a quinze metros de distância quando ela pegou o microfone e deu uns tapinhas nele. *BOOM, BOOM, BOOM* ecoou pelas ruas.

— Grover — gritei — é melhor você começar a tocar aquela lira.

Caso ele tenha respondido, não ouvi. Corri para o palco. Os trabalhadores estavam ocupados demais discutindo com os guardas para tentarem me parar. Eu subi os degraus, tirei a caneta do bolso e a destampei. Minha espada, Contracorrente, apareceu, mas eu não tinha certeza se aquilo me ajudaria. Apolo não ficaria muito feliz comigo caso eu decapitasse sua cantora.

Eu estava a seis metros da *celedon* quando várias coisas aconteceram de uma vez.

A cantora dourada cantou uma nota com tanta força que eu ainda pude ouvi-la, mesmo com a cera. Sua voz era de partir o coração, cheia de desejo. Mesmo abafada pelo tampão improvisado, me fez querer deitar e chorar, o que foi a atitude de milhares de pessoas na Times Square.

Carros pararam. Policiais e turistas caíram de joelhos, chorando, se abraçando em busca de consolo.

Então eu ouvi um som diferente, o som de Grover tocando a lira freneticamente. Eu não conseguia realmente ouvir, mas podia sentir a vibração da mágica envolvendo o ar, fazendo o palco debaixo de mim tremer. Graças à ligação empática, entendi alguns pensamentos de Grover. Ele estava cantando sobre paredes, tentando criar uma cela em volta da *celedon*.

A boa notícia: isso meio que funcionou. Uma parede de tijolos surgiu no palco entre eu e a *celedon*, derrubando o microfone e interrompendo a música dela. A má notícia: quando percebi o que estava acontecendo, era tarde demais para parar. Eu colidi contra a parede, que não tinha argamassa, então rapidamente caí sobre ela, derrubando milhares de tijolos na *celedon*.

Meus olhos lagrimejaram. Pensei ter quebrado o nariz. Antes que eu pudesse retomar os sentidos, a *celedon* se debateu na pilha de tijolos e me empurrou para longe. Moveu os braços para parecer que tudo havia sido uma façanha programada.

— Ta-daaaaah! — cantou ela.

Ela não tinha mais um amplificador, mas sua voz era suficiente. Os mortais pararam de soluçar e jogaram rosas aos pés dela, aplaudindo e comemorando pela *celedon*.

— Grover! — gritei, sem ter certeza se ele conseguiria me ouvir. — Toque mais alguma coisa!

Peguei minha espada e me esforcei para me levantar. Abordei a garota dourada, mas era como se eu estivesse tentando mover um poste. Ela me ignorou e começou uma nova música.

Enquanto eu me debatia com ela, tentando fazê-la perder o equilíbrio, a temperatura começou a subir. A letra da canção era em grego antigo, mas eu entendi algumas palavras: Apolo, luz do sol, fogo dourado. Era algo como um hino em homenagem ao deus. Sua pele metálica esquentou. Eu senti cheiro de algo queimado, então percebi que vinha da minha camisa.

Cambaleei para longe dela, com minhas roupas queimando. A cera nos meus ouvidos derreteu, então eu conseguia ouvir a canção perfeitamente. Em toda a Times Square, as pessoas começaram a suar com o calor.

Nas barricadas, Grover tocava loucamente a lira, mas ele estava ansioso demais para se concentrar. Tijolos aleatórios caíam do céu. Um dos alto-falantes se transformou em galinha. Um prato de *enchiladas* apareceu aos pés da *celedon*.

— Não está ajudando! — gritei, dolorido por causa do calor. — Cante sobre celas! Ou mordaças!

O ar estava quente como o de uma fornalha. Se a *celedon* continuasse, Midtown iria entrar em combustão. Eu não podia continuar nessa brincadeira. Assim que a *celedon* começou outro verso, eu a ataquei com minha espada.

Ela cambaleou para longe com uma velocidade surpreendente. Minha espada não a alcançou por

centímetros. Eu a fiz parar de cantar, o que não a deixou muito feliz. Ela me encarou com raiva, então se concentrou em minha espada. Uma expressão amedrontada apareceu em sua face. A maioria dos seres mágicos sabiam que deviam respeitar bronze celestial, já que isso poderia vaporizá-los ao mais simples contato.

— Renda-se e eu não vou te machucar. Nós só queremos te levar de volta para Apolo.

Ela abriu seus braços. Eu estava com medo de que ela fosse começar a cantar de novo, mas ao invés disso, a *celedon* mudou de forma. Seus braços se transformaram em asas douradas. Seu rosto alongou, crescendo um bico. Seu corpo diminuiu até eu estar observando um passarinho de metal do tamanho de uma codorna. Antes que eu pudesse reagir, a *celedon* lançou-se ao ar e voou para o topo do prédio mais próximo.

Grover tropeçou no palco perto de mim. Por toda a Times Square, a maioria dos mortais que tinham entrado em colapso por causa do calor estava começando a se recuperar. A pavimentação continuava derretida. Policiais começaram a gritar ordens, agora fazendo um grande esforço para evacuar a área. Ninguém prestou atenção em nós.

Eu assisti o pássaro dourado subir em espiral até desaparecer no topo do outdoor mais alto, a Times Tower. Você provavelmente viu o prédio em fotos: o alto e fino que é cheio de propagandas e telões.

Para ser totalmente honesto, eu não me sentia bem. Eu tinha cera quente derretendo nos meus ouvidos. Eu tinha uma queimadura de segundo grau. Meu rosto parecia ter se chocado com uma parede de tijolos... porque se chocou mesmo. Eu tinha o gosto metálico de sangue na boca e estava começando a odiar muito música. E codornas.

Eu me virei em direção a Grover.

— Você sabia que ela podia se transformar em um pássaro?

— Hã, sim... Mas eu meio que esqueci.

— Ótimo — cutuquei o prato de enchilada com o pé. — Você pode tentar convocar algo útil na próxima vez?

— Desculpe — murmurou ele. — Fico com fome quando estou nervoso. O que faremos agora?

Encarei o topo da Times Tower.

— A garota dourada ganhou o primeiro round. Hora do segundo round.

Você provavelmente está se perguntando por que eu não coloquei mais cera nos ouvidos. Por um motivo: eu não tinha mais. E por outro: a cera derretida saindo dos ouvidos doía. E uma parte de mim pensava: *Ei, eu sou um semideus. Dessa vez eu estou preparado. Eu posso encarar a música, literalmente.*

Grover me assegurou de que iria tocar a lira direito. Nada mais de *enchiladas* ou tijolos caindo do céu. Eu só tinha que encontrar a *celedon*, pegá-la de surpresa e distraí-la

com... Bem, eu ainda não decidi essa parte.

Nós pegamos o elevador para o andar mais alto e encontramos escadas para a cobertura. Eu desejei voar, mas esse não é um dos meus poderes, e meu amigo pégaso Blackjack não atendeu meus pedidos de ajuda mais cedo (ele fica um pouco distraído na primavera, quando ele está procurando por alguma pégaso fêmea bonitinha).

Quando chegamos no telhado, encontramos facilmente a *celedon*. Ela estava na forma humana, parada na borda do prédio, com os braços abertos, cantando sua versão de "New York, New York" para a Times Square.

Eu realmente odeio aquela música. Não conheço ninguém que seja de Nova York e não odeie aquela música, mas ouvir a *celedon* cantá-la me fez odiá-la ainda mais.

De qualquer forma, ela estava de costas para nós, então estávamos com vantagem. Eu estava tentado a rastejar até ela e agarrá-la, mas ela tão forte que não tinha sido capaz de segurá-la antes. No entanto, ela provavelmente iria se transformar em pássaro de novo e... Hmm. Um pássaro.

Uma ideia se formou em minha mente. Sim, eu tenho ideias às vezes.

— Grover — falei — você pode convocar uma gaiola com a lira? Uma bem forte, feita de bronze celestial?

Ele mordeu os lábios.

— Acho que sim, mas pássaros não deveriam ser engaiolados, Percy. Eles deveriam ser livres! Eles deveriam voar e... — Ele olhou para a *celedon*. — Ah, você quer...

— Sim.

— Vou tentar.

— Bom. Apenas espere o meu sinal. Você ainda tem aquela venda do Coloque o rabo no humano?

Ele me entregou a tira de pano. Fiz minha espada voltar à forma de caneta e a coloquei no bolso. Eu precisaria das duas mãos livres para isso. Engatinhei até ela, que agora estava chegando ao último refrão.

Mesmo sabendo que ela estava cantando para o outro lado, a música dela me encheu de vontade de dançar (acredite em mim, você nunca vai querer ver). Eu me esforcei a continuar andando, mas lutar contra sua magia era como abrir caminho entre pesadas cortinas.

Meu plano era simples: amordaçar a *celedon*. Ela iria se transformar em um pássaro e tentar escapar. Eu iria segurá-la e colocá-la dentro da gaiola. O que poderia dar errado?

Na última linha de "New York, New York", eu pulei em suas costas, prendendo minhas pernas em sua cintura e colocando à venda na sua boca, como uma rédea de cavalo.

O grand finale dela foi interrompido.

— Grover, agora! — gritei.

A *celedon* cambaleou para frente. Eu tive uma visão confusa do caos na Times Square: guardas tentando evacuar a rua, turistas fazendo passos de dança. Os telões eletrônicos da Times Tower pareciam sinistros toboáguas muito íngremes que levavam a nada mais do que uma dura calçada.

A *celedon* vacilou para trás, se debatendo e balbuciando com a mordaça.

Grover tocou a lira desesperadamente. As cordas enviavam vibrações mágicas para o ar, mas a voz de Grover falhava:

— Hã, pássaros! — cantarolou ele. — La, La, La! Pássaros em gaiolas! Gaiolas bem fortes! Pássaros!

Ele não ganharia um prémio com aquela letra, e eu estava perdendo o controle. A *celedon* era forte. Eu já montei num Minotauro antes e a garota dourada era pelo menos tão forte quanto.

A *celedon* girou, tentando me derrubar. Ela colocou seus braços em volta dos meus e apertou. A dor tomou meus ombros.

— Grover, depressa! — gritei, mas com minha boca fechada, as palavras saíram distorcidas.

— Pássaros em gaiolas! — Grover dedilhou outra corda. — La, La, La, gaiolas!

Surpreendentemente, uma gaiola apareceu na borda da cobertura. Eu estava bastante ocupado sendo espremido pra dar uma boa olhada, mas Grover parecia ter feito um bom trabalho. A gaiola era grande o suficiente para um papagaio ou uma codorna gorda, e as barras eram revestidas de... bronze celestial.

Agora eu só precisava fazer a *celedon* tomar a forma de pássaro. Infelizmente, ela não estava cooperando. Ela girou com força, acabando com o meu aperto e me lançando

para o outro lado do prédio.

Eu tentei não entrar em pânico. Infelizmente, essa não foi a primeira vez que fui jogado de um arranha-céu.

Eu gostaria de dizer que fiz alguns movimentos acrobáticos, segurei a borda de um outdoor e voltei para a cobertura em um perfeito salto triplo.

Não. Quando atingi o primeiro telão, um pedaço de metal prendeu-se em meu cinto e me impediu de cair. E isso também me deu o maior cuecão de todos os tempos. Então, o impulso me separou da calça.

Eu despenquei de cabeça para a Times Square, tentado agarrar selvagemente qualquer coisa que me desacelerasse. Felizmente, o topo do outdoor mais perto tinha um degrau, talvez para trabalhadores extremamente corajosos amarrarem seus cabos de segurança.

Agarrei-o e me virei para cima. Meus braços quase foram arrancados do lugar, mas de alguma forma eu continuei segurando. E foi assim que eu acabei pendurado em um outdoor na Times Square sem calça.

Para responder sua próxima questão: Boxer. Boxer completamente azul. Sem carinhas sorrindo. Sem corações.

Ria o quanto quiser. Elas são mais confortáveis que cuecas normais.

A *celedon* sorriu pra mim da cobertura, cerca de seis metros acima de mim. Bem abaixo dela, meus jeans estavam pendurados na estrutura de metal, balançando ao vento como se estivessem me dando adeus. Eu não conseguia ver

Grover. A música dele havia parado.

Minhas mãos fraquejaram. A calçada deveria estar a duzentos metros abaixo, o que me daria uma boa oportunidade de gritar bastante enquanto caía para a morte. O brilho do telão estava cozinhando lentamente meu estômago.

Enquanto eu estava pendurado lá, a *celedon* começou uma serenata especial só pra mim. Ela cantou sobre deixar ir, abandonar meus problemas descansando na beira de um rio. Eu não lembro direito da letra, mas você entendeu a ideia.

O máximo que eu podia fazer era me segurar. Eu não queria cair, mas a música da *celedon* penetrou em mim, desmanchando meu poder de decisão. Eu imaginei que fosse deslizar com segurança até o chão. Eu iria para a beira de um rio, onde eu teria um piquenique relaxante com minha namorada.

Annabeth.

Lembrei da vez em que salvei Annabeth das sereias no Mar de Monstros. Eu a segurei enquanto ela lutava e chorava, tentando nadar até a morte dela por encontrar uma maravilhosa ilha prometida.

Então imaginei-a me segurando. Eu conseguia ouvir o que ela dizia: *É uma armadilha, Cabeça de Alga! Você tem que contra-atacar ou vai morrer. E se você morrer, eu nunca vou te perdoar!*

Aquilo quebrou o feitiço da *celedon*. Annabeth irritada era mais assustadora que monstros, mas não conte a ela que

eu disse isso.

Eu olhei para os meus jeans, balançando inutilmente acima. Minha espada estava no bolso, em forma de caneta, o que não me ajudava. Grover começou a cantar novamente sobre pássaros, mas não estava funcionando. Aparentemente, a *celedon* só se transformava em pássaro quando estava assustada.

Espere...

Em um ato de desespero, eu formei o Plano estúpido versão 2.0.

— Ei! — gritei. — Você é realmente incrível, senhorita Celedon! Antes de eu morrer, posso receber um autógrafo seu?

A *celedon* interrompeu a música pela metade. Ela parecia surpresa, então sorriu com prazer.

— Grover! — chamei. — Venha cá!

A música da lira parou. A cabeça de Grover apareceu do outro lado.

— Ah, Percy... Eu... eu sinto muito...

— Está tudo bem!

Eu forcei um sorriso, usando a ligação empática para contá-lo como eu realmente me sentia. Eu não podia enviar pensamentos completos, mas tentei passar os pontos principais do que estava acontecendo: Ele deveria estar pronto. Deveria ser rápido. E deveria ser bom capturando coisas.

— Você tem uma caneta e papel? — perguntei. —

Quero que essa moça me dê um autógrafo antes que eu morra.

Grover piscou.

— Hã... caramba. Não. Mas você não guarda uma caneta no seu bolso?

Melhor. Sátiro. De. Todos. Ele entendeu totalmente o plano.

— Você está certo! — Eu olhei para a *celedon,* implorando. — Por favor? Como último pedido? Você poderia pegar a caneta no meu bolso e assinar com ela? Então poderei morrer feliz.

Estátuas douradas não podem corar, mas a *celedon* parecia totalmente lisonjeada. Ela se abaixou, buscou meus jeans, e tirou minha caneta do bolso.

Prendi meu fôlego. Eu nunca havia visto Contracorrente nas mãos de um monstro antes. Se algo desse errado e ela percebesse que era um truque, poderia usar o bronze celestial para matar Grover.

Ela examinou a caneta como se nunca tivesse usado uma antes.

— Você tem que tirar a tampa — falei.

Meus dedos começaram a escorregar.

Ela colocou a calça jeans na beira do telhado, perto da gaiola. Ela destampou a caneta e Contracorrente veio à vida.

Se eu não estivesse prestes a morrer, teria sido a coisa mais engraçada que já vi na vida. Você conhece aqueles

potes de doce com uma cobra de brinquedo colada dentro?

Era como se eu estivesse vendo uma pessoa abrir uma daquelas, exceto que no lugar da cobra de brinquedo surgiu uma espada de noventa centímetros.

A espada celestial chegou ao seu tamanho completo e a *celedon* a empurrou para longe, cambaleando para trás com um grito não muito musical. Ela se transformou em pássaro, mas Grover estava pronto. Ele soltou a lira de Apolo e pegou a codorna gorda e dourada com as duas mãos.

Grover a colocou na gaiola e trancou a portinhola com força. A *celedon* enlouqueceu, grasnando e se contorcendo, mas ela não tinha espaço para voltar à forma humana, e na forma de pássaro, graças aos deuses, ela não tinha nenhum poder mágico em sua voz.

— Bom trabalho! — falei a Grover.

Ele pareceu doente.

— Acho que arranhei a lira de Apolo. E eu engaiolei um pássaro. Acho que é o pior aniversário de todos.

— Alias — lembrei-o — eu estou prestes a cair para a morte aqui.

— Ah!

Grover pegou a lira e tocou uma canção rápida. Agora que ele não estava em perigo e o monstro estava preso, ele não parecia ter nenhum problema com a mágica da lira. Típico. Ele convocou uma corda e a jogou para mim. De alguma forma, conseguiu me puxar para cima, onde

desabei.

Abaixo de nós, a Times Square continuava um completo caos. Turistas vagavam em transe. Os policiais estavam completando os últimos passos de dança. Alguns carros estavam pegando fogo, e o palco foi reduzido a uma pilha de fogo, tijolos e equipamento de som quebrado.

Cruzando o Rio Hudson, o sol estava descendo. Tudo que eu queria era deitar ali na cobertura e aproveitar o sentimento de não estar morto. Mas o nosso trabalho ainda não havia terminado.

— Nós temos de levar a *celedon* para Apolo.

— Sim — concordou Grover. — Mas, hã... não seria melhor você vestir sua calça primeiro?

Apolo estava nos esperando na entrada do Edifício Empire State. Suas três cantoras douradas pareciam nervosas atrás dele.

Quando ele nos viu, ele literalmente reluziu. Uma aura brilhante apareceu em torno de sua cabeça.

— Excelente! — Ele pegou a gaiola. — Vou levá-la para Hefesto consertar, e dessa vez não vou aceitar desculpas sobre garantias expiradas. Meu show começa em meia hora!

— De nada — falei.

Apolo pegou a lira com Grover. A expressão do deus mudou para perigosamente violenta.

— Você a arranhou.

Grover choramingou.

— Lorde Apolo...

— Era o único modo de capturar a *celedon* — interrompi. — No entanto, ela precisa ser lustrada. Mande Hefesto fazer isso. Ele te deve uma, certo?

Por um segundo, pensei que Apolo fosse nos transformar em cinzas, mas ele finalmente resmungou:

— Suponho que você esteja certo. Bem, bom trabalho, vocês dois! E como recompensa, vocês estão convidados para assistir a minha performance no Monte Olimpo!

Grover e eu trocamos olhares. Insultar um deus era perigoso, mas a última coisa que eu queria fazer era ouvir mais música.

— Nós não somos dignos — menti. — Adoraríamos, mas nós provavelmente explodiríamos se ouvíssemos sua música divina em volume máximo.

Apolo assentiu pensativo.

— Você está certo. Se vocês explodissem, atrapalhariam minha performance. Quanta consideração sua — disse ele, sorrindo. — Bem, então eu já vou. Feliz aniversário, Percy!

— É o aniversário de Grover! — corrigi.

Apolo e suas cantoras já haviam desaparecido em um clarão de luz.

— Tanto para um dia só — comentei, me virando para Grover.

— Voltamos para o Parque Prospect? — sugeriu ele. — Junípera deve estar morta de preocupação.

— É — concordei. — E eu estou realmente faminto.

Grover assentiu entusiasmadamente.

— Se nós sairmos agora, podemos pegar Junípero e chegar ao Acampamento Meio-Sangue a tempo da cantoria. Eles têm marshmallows!

Eu estremeci.

— Nada de cantoria, por favor. Mas eu vou pelos marshmallows.

— Fechado! — disse Grover.

Eu lhe dei uns tapinhas no ombro.

— Vamos lá, Homem-bode. Apesar de tudo seu aniversário poderá terminar bem.

Sobre o autor



Rick Riordan nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, e hoje mora em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do The New York Times, premiado pelo YALSA e pela Associação Americana de Bibliotecas, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é essa experiência que atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Os Heróis do Olimpo* e *As Provações de Apolo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina as séries *As Crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos

do Egito Antigo e *Magnus Chase e os Deuses de Asgard*, sobre mitologia nórdica.

Outras séries do Riordanverso

Percy Jackson e os Olimpianos





Magnus Chase e os Deuses de Asgard

As Provações de Apolo